

---

## **Representação de gênero: uma análise comparativa da narrativa Paiter Suruí “As primeiras mulheres” e o conto “Lenda de Namarói” de Mia Couto**

*Gender representation: a comparative analysis of the Paiter Suruí narrative “As primeiras mulheres” and Mia Couto’s short story “Lenda de Namarói”*

Luana Gomes Pagung

Universidade Federal de Rondônia

### **DOI:**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n56a1430>

### **RESUMO**

Narrativas cosmogônicas de tradição oral são as engrenagens de transmissão dos valores culturais de um povo, passados de geração a geração; tanto as narrativas ameríndias quanto as narrativas africanas compartilham dessa íntima relação, reservando a elas uma temática que lhes permitem ser cotejadas. Nesse panorama, o presente artigo propõe uma análise comparativa da intertextualidade temática que perpassa duas narrativas de continentes tão distantes e, ainda assim, culturalmente análogos: o continente americano, com “As primeiras mulheres”, narrativa de autoria coletiva e tradição oral pertencente a povo indígena brasileiro Paiter Suruí, coletada e traduzida por Betty Mindlin em *Vozes da origem*; e o continente africano, com o conto “Lenda de Namarói”, de autoria de Mia Couto, em *Estórias abensonhadas*, uma narrativa inspirada na tradição oral de etnias norte-moçambicanas; a fim de examinar como o feminino e o masculino são simbolicamente construídos nas duas narrativas cosmogônicas e sua articulação como elemento determinante nas relações de gênero e apoderamento do espaço social. Partindo de aportes dos

estudos de gênero, psicanalíticos e do mito para reflexões sobre questões simbólicas das narrativas cosmogônicas, a análise evidencia que a narrativa ameríndia organiza o surgimento do feminino de modo a reafirmar uma hierarquia sexual estruturante da ordem social, enquanto o conto moçambicano reinscreve a tradição oral por meio de deslocamentos simbólicos que tensionam o modelo falocêntrico. A leitura comparativa permite observar como narrativas de temáticas semelhantes podem operar funções ideológicas distintas, revelando o potencial crítico da reescritura literária das cosmogonias tradicionais que figuram no imaginário dos povos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de gênero; Literatura comparada; Literatura luso-afro-brasileira.

#### **ABSTRACT**

Cosmogonic narratives of oral tradition function as mechanisms for transmitting a people's cultural values across generations. Both Amerindian and African narratives share this close relationship with orality, which enables them to be examined comparatively. Within this framework, this article proposes a comparative analysis of the thematic intertextuality that runs through two narratives from geographically distant yet culturally analogous continents: the Americas, with “*As primeiras mulheres*”, a collectively authored oral narrative of the Brazilian Indigenous people Paiter Suruí, collected and translated by Betty Mindlin in *Vozes da origem*; and Africa, with the short story “*Lenda de Namarói*” by Mia Couto, published in *Estórias abensonhadas*, a narrative inspired by the oral tradition of northern Mozambican ethnic groups. The analysis aims to examine how femininity and masculinity are symbolically constructed in these two cosmogonic narratives and how they operate as determining elements in gender relations and the appropriation of social space. Drawing on contributions from gender studies, psychoanalysis, and myth theory to reflect on the symbolic dimensions of cosmogonic narratives, the analysis shows that the Amerindian narrative organizes the emergence of the feminine in a way that reaffirms a sexual hierarchy structuring the social order, while the Mozambican short story reinscribes oral tradition through symbolic displacements that challenge the phallogocentric model. The comparative reading reveals how narratives with similar themes can perform distinct ideological functions, highli-

ghting the critical potential of the literary rewriting of traditional cosmogonies embedded in the collective imagination.

**KEYWORDS:** Gender Studies; Comparative Literature; Afro-Luso-Brazilian literature.

## INTRODUÇÃO

As narrativas cosmogônicas constituem espaços privilegiados de elaboração simbólica das relações humanas fundamentais, pois, ao dramatizar a origem do mundo e da humanidade, tais narrativas não apenas explicam o passado, como também legitimam, ou tensionam, formas específicas de ordenação social. Comumente essas narrativas partem da oralidade, como exemplo, as narrativas tradicionais ameríndias e africanas (Casculo, 2009; Rosário, 1989).

É nesse horizonte que se insere o presente artigo, que propõe aproximar continentes por meio de uma leitura comparativa de duas narrativas cosmogônicas, oriundas de contextos culturais distintos: “As primeiras mulheres”, uma visão cosmogônica do surgimento das mulheres, narrativa indígena brasileira de tradição oral do povo Paiteer Suruí, registrada por Betty Mindlin a partir da escuta, transcrição e tradução do tupi-mondé, narrada por diferentes membros

---

<sup>1</sup> As narrativas tradicionais indígenas nas últimas décadas, no Brasil, transitam ainda em uma delimitação literária incerta, não se enquadrando de forma unânime nos conhecidos gêneros literários clássicos ou modernos. No entanto, se muitas “estavam restritas à condição de mitos, vivos na oralidade, mas letra morta nos registros científicos, agora, mudadas em texto, elas fazem parte de uma estética” (Almeida, 2009, p. 66). Assim, muitas das narrativas que os antropólogos chamaram de “mitos”, por exemplo, podem compreensivelmente serem lidas como “contos” na contemporaneidade, por isso aqui são desse modo interpretadas.

da comunidade<sup>2</sup> entre as décadas de 1970 e 1990, ou seja, trata-se de uma narrativa de autoria coletiva, reunida no livro *Vozes da origem* (2007). E “Lenda de Namarói”, uma visão cosmogônica do surgimento dos homens, um conto publicado por Mia Couto em *Estórias abensonhadas* (2012), que retoma, por via literária<sup>3</sup>, um relato tradicional recolhido na região da Zambézia, reelaborando-o a partir da voz de uma narradora autóctone.

Os Paiter Suruí são um povo essencialmente de tradição oral, suas narrativas ganharam o registro discursivo em português pela primeira vez com o trabalho da antropóloga Betty Mindlin, que acompanhou essa etnia desde 1978. Para este povo, o ato de contar histórias não é apenas um ato de entretenimento, mas parte vital da estrutura de sua civilização, uma forma de transmissão dos conhecimentos tradicionais e um recurso ao qual recorrem constantemente para transmitirem às próximas gerações o profundo conhecimento da história de seu povo, mantendo viva não somente a narração, mas oferecendo regras práticas para a orientação da sociedade em que vivem (Pucci, 2009).

Na outra ponta do corpus, está o contexto africano, especificamente o moçambicano, que tem em sua cena originária um entrelaçamento de diversas tradições de grupos étnicos que residiram ao longo do continente, sendo pronunciada a origem bantu, chona e

---

<sup>2</sup> São eles, nomeadamente: Dikmuia, Dikboba, Ubajara, Gakaman, Ikon, Itxaie, Gamasakaká, Perpera, Macurao e Weledergoen.

<sup>3</sup> Mia Couto atualiza as narrativas, definidas como “lenda”, da memória coletiva moçambicana e de sua narradora de Namarói. “Lenda” pode ser compreendido como um texto atemporal, que “chama também a atenção para a fisionomia e sobretudo a fenomenologia oral da escrita deste autor, proporcionando um conjunto de solicitações significativas em relação à língua que caracteriza a escrita de Mia Couto” (Brugioni, 2013, p. 159).

marave, um hibridismo que se verifica tanto ao nível cultural como ao nível linguístico. Posteriormente, com a presença do colonialismo português em terras africanas, os elementos da cultura europeia também foram incorporados (Rosário, 1989). Manuel Ferreira (1987) comenta que antes da chegada dos europeus ao continente africano, as populações autóctones eram ágrafas, e que a literatura escrita vem como um fato moderno, que antes dela há de ser considerada a riqueza da literatura oral africana e como esta influenciou a escrita literária subsequente.

Desse modo, no imaginário moçambicano, assim como em seu registro discursivo, a cultura e a tradição oral também se mostram como uma forte presença. “O uso das crenças e credences, dos ritos, da ancestralidade, dos costumes e dos rituais da tribo (...) e de todo um universo mágico e fantástico” tem sido empregado “para construir a realidade de um país que ainda se situa entre o mito e a história”, como relata José N. Ornelas (1996, p. 49-50). Nesse panorama, Mia Couto é um autor moçambicano lusodescendente da literatura contemporânea que escreve em língua portuguesa, e tem em sua prosa ficcional as questões culturais do povo moçambicano, como as cosmogonias, exercitando em suas narrativas uma atualização dessas cosmovisões. Sobre isso, o autor comenta em entrevista dada a Letícia Mendes (2012):

pode existir a ideia que sendo da África estarei mais propenso a beber dessas lendas. Eu acho que não sou mais ou menos permeável a um imaginário que percorre todos os países do mundo, todas as culturas e civilizações. O que pode suceder é que a África assume mais essa outra racionalidade, não sente que a deve esconder. Mas todos os outros continentes produzem e reproduzem mitos, tradições e expressões da oralidade que alimentam a literatura.

Com esse pressuposto, apesar das diferenças formais entre uma narrativa de tradição oral e um conto literário contemporâneo, ambas as narrativas compartilham o estatuto de narrativas de origem e operam por meio de estratégias semelhantes de fabulação simbólica do passado primordial<sup>4</sup>. Interessa, neste estudo, menos a questão da autoria<sup>5</sup> – coletiva ou individual – do que o modo como o discurso narrativo constrói posições simbólicas para o feminino e o masculino. Assim, o foco recai sobre os mecanismos narrativos por meio dos quais essas categorias articulam-se simbolicamente nas relações de gênero e apoderamento do espaço social, e não sobre uma caracterização geral das tradições culturais às quais pertencem.

Outrossim, embora pertençam a universos histórico-culturais distintos, ambas as narrativas propostas como *corpus* tematizam o surgimento do feminino e do masculino como evento fundador da

---

<sup>4</sup> Em ambas as narrativas do *corpus*, o/a narrador/a se mostra como um/a narrador/a primordial, isto é, uma figura “que não se apresenta como autor, não inventou os fatos narrados, mas presenciou-os ou soube deles por alguém, guardou-os na memória e os conta para outros” (Coelho, 1993, p. 66).

<sup>5</sup> A esse respeito, contudo, observo um precedente importante na leitura do conto moçambicano: a epígrafe que o acompanha – “Inspirado no relato da mulher do régulo de Namarói, Zambézia, recolhido pelo padre Elia Ciscato” (Couto, 2012, p. 141). Elia Ciscato é uma figura real, um missionário italiano que, por muitos anos, estudou as tradições das tribos do Norte de Moçambique. Mia Couto atribui a ele o recolhimento da história, demonstrando que sua ficcionalização parte do relato de origem na tradição oral, desencadeando um discurso metalinguístico que se propõe ficção diante do contar de uma contadora que reconta uma antiga história. A lenda, enquanto forma na tradição oral, inscreve-se agora na forma literária transformada pelo acréscimo de elementos do discurso autoral de Mia Couto (Afonso, 2004). Aqui cabe uma analogia na escolha de nosso *corpus* de análise, sendo os narradores indígenas e a narradora Namarói os contadores originais das histórias, Betty Mindlin e Elia Ciscato, os coletores, e Betty Mindlin (enquanto tradutora) e Mia Couto os responsáveis por lapidar a estética literária do texto.

ordem social, oferecendo, contudo, soluções simbólicas divergentes para a inscrição do gênero no mundo, permitindo, assim, uma aproximação temática que pode ser cotejada, isto é, uma “intertextualidade temática” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007, p. 18).

Do ponto de vista teórico, então, o trabalho articula contribuições dos estudos de gênero, para pensar a representação do feminino/masculino, e dos estudos psicanalíticos, e do mito para reflexões sobre questões simbólicas das narrativas cosmogônicas, entendendo estas não como relatos arcaicos ou residuais, mas dotadas de força poética e potencial crítico (Guesse, 2014; Rosário, 1989). A perspectiva comparativa adotada não se orienta pela busca de origens comuns ou influências diretas, mas pela observação de procedimentos narrativos convergentes e divergentes na construção do gênero como categoria simbólica, conforme propõe a literatura comparada em sua vertente temática e problematizadora (Carvalho, 2006).

A análise comparativa das duas narrativas busca, portanto, evidenciar como formas simbólicas próximas – narrativas cosmogônicas vinculadas à tradição oral – podem cumprir funções ideológicas distintas: de um lado, a reafirmação de uma ordem patriarcal como princípio organizador do mundo social; de outro, a reinscrição crítica dessa mesma ordem por meio de deslocamentos narrativos que reconfiguram a posição do feminino em narrativas de origem. Ao examinar tais diferenças, o artigo pretende contribuir para os estudos literários comparados, especialmente no que diz respeito às questões de gênero na literatura luso-afro-brasileira.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: na primeira seção, analisa-se a narrativa “As primeiras mulheres”, focalizando os procedimentos simbólicos por meio dos quais o feminino é inscrito na cosmogonia paiteer suruí; na segunda, examina-se “Lenda de Namarói”, destacando os deslocamentos operados pela reescrita literária de Mia Couto; por fim, a terceira seção apresenta uma leitura comparativa

das duas narrativas, sistematizando convergências e divergências e discutindo seus efeitos ideológicos e simbólicos na construção das relações de gênero.

#### **“ANTIGAMENTE AINDA NÃO HAVIA MULHERES NO MUNDO”: CONTEXTO PAITER SURUÍ**

Paiter Suruí é uma etnia indígena localizada em uma região fronteira entre o estado de Rondônia e o estado de Mato Grosso. Sua população vive em 24 aldeias distribuídas ao longo e na proximidade da Terra Indígena Sete de Setembro. Denominados como Suruí pelos sertanistas responsáveis pelo contato oficial, esse povo indígena se autodenomina como “Paiter”, termo que, em tupi-mondé, língua originalmente falada por eles, significa “gente de verdade, nós mesmos” (Pagung, 2018, p. 47).

A população Paiter Suruí é dividida em grupos patrilineares, com casamentos tradicionalmente poligâmicos, o homem se casa com duas ou três mulheres, preferencialmente com a filha de sua irmã, também sendo possível o casamento entre primos cruzados. A relação com a mulher é uma forma de adentrar e unir famílias. A existência dessas linhagens com suas regras clânicas de casamento orientam a tradicional divisão dualista que os Paiter Suruí possuem em relação à floresta e à aldeia (Mindlin, 1985; Pucci, 2009); tal informação será importante na análise das relações estabelecidas pelas personagens femininas com seus pretendentes amorosos na narrativa “As primeiras mulheres”.

Entre os Paiter Suruí, a mulher ocupa um papel importante na manutenção da cultura e tradição, por ficarem mais nas terras indígenas envolvidas à vida doméstica, elas conservam não somente a língua original de seu povo, como também muitas das tradições materiais e orais, incluindo as narrativas (Mindlin, 2006). Contudo, na narrativa “As primeiras mulheres”, esta é transmitida por um narra-

dor que se coloca ausente no espaço da história, mostrando-se onisciente e com foco narrativo na terceira pessoa. O narrador não faz nenhuma abertura sobre o seu processo de narrar, adentrando diretamente no enredo cosmogônico: o surgimento das primeiras mulheres em um espaço remoto localizado no tempo de antigamente.

### **“NO PRINCÍPIO, TODOS ÉRAMOS MULHERES”: CONTEXTO NAMARÓI**

Namarói é um distrito da província da Zambézia, em Moçambique. O regime matrilinear constituía um dos padrões sociais da maior parte de seu território: na região costeira do norte de Moçambique, o regime de parentesco respondia a um funcionamento matrilinear, enquanto na região mais ao sul era dominante um sistema patriarcal. O poder da herança feminina nesse contexto representava mais poder para os membros femininos dessa linhagem (Brugioni, 2013; Rothwell, 2015); informação importante se considerarmos, em “Lenda de Namarói”, a narração ser feita por uma personagem feminina.

Com a entrada do poderio da Coroa Portuguesa no local, um elemento específico de organização político-territorial, denominado “prazo zambeziano”, passou a vigorar:

o sistema dos prazos, posto em prática no início do século XVII oferecia à Coroa a possibilidade de ocupar teoricamente a África por intermédio de vassallos europeus aos quais eram concedidas terras dominiais por arrendamento enfiteútico. [...] De início, a sucessão à frente do prazo efetuava-se pelas ‘pessoas de sexo feminino, descendentes de portugueses da Europa, com obrigação de casarem com portugueses de igual origem e na sucessão das vidas, a fêmea excluía o varão’. Caso único nos anais coloniais: a mulher tinha sempre a prioridade na obtenção de um prazo e a herdeira era a sua filha mais velha. Na ausência de herdeira, herdava o prazo o filho ou o marido. Na prática, na centena de

prazos enumerados, metade deles pertencia permanentemente a mulheres (Pélissier, 2000, p. 76-80).

No entanto, essa sucessão matrilinear pode ser entendida mais como um meio de proteger a genealogia familiar do que um empoderamento feminino. Esse sistema denuncia uma desconfiança implícita sobre a fidelidade da mulher, pois essa seria uma forma do homem ter certeza que a próxima geração, a permanecer com a terra, compartilha de seu sangue, já que descende da filha de sua irmã (Rothwell, 2015). É nesse contexto emblemático de questões de gênero, historicamente marcadas, que Zambézia se encontra, e de onde fala a narradora de “Lenda de Namarói”.

O conto “Lenda de Namarói” apresenta uma narradora em primeira pessoa que se posiciona a repassar um conhecimento coletivo – “o que vou contar me foi passado em sonho pelos antepassados” (Couto, 2012, p. 141) –, contar uma história cosmogônica do surgimento dos primeiros homens, ambientada em um tempo e espaço remotos. O estatuto ambíguo de poder dado às mulheres na região de Zambézia é um dos primeiros elementos a figurar na narrativa, anunciado pela voz tradicionalmente silenciada da narradora: “não fosse isso nunca eu poderia falar. Sou mulher, preciso autorização para ter palavra” (Couto, 2012, p. 141). E é, no calor da febre, que seus antepassados masculinos não só autorizam a sua fala, como articulam a sua linguagem para transmitir um conhecimento que antes ela não possuía: “estou contando coisas que nunca soube. Por minha boca falam, no calor da febre, os que nos fazem existir e nos dão e retiram nossos nomes” (Couto, 2012, p. 141).

Aproximando os povos: uma análise comparativa de “As primeiras mulheres” e “Lenda de Namarói”

Antigamente, ainda não havia mulheres no mundo. Só havia um homem, chamado Iapeab, sozinho (Mindlin; Narradores Paiter Suruí, 2007, p. 114).

No princípio, todos éramos mulheres. Os homens não haviam (Couto, 2012, p. 141).

O início das narrativas as localiza em um tempo tão distante que se dificulta mensurar, é o tempo que Mircea Eliade (2001) nomeia por “Tempo Primordial” ou “de Origem”, fundado no período da criação sagrada. Projeta-se nesse início um eixo de enunciação que é próprio da oralidade, é o que “se passou fora de um tempo preciso, longínquo e mágico” (Afonso, 2004, p. 429).

A figura da mulher é trazida como referencial para a falta e para a presença: em uma narrativa são elas que não existiam, na outra, todos que existiam eram mulheres. Em ambas, o gênero se inscreve na diferença, manifestando que “pensar a alteridade é, então, pensar o diferente, a relação, o conflito” (Fraisse, 1996, p. 91, tradução nossa<sup>6</sup>).

Gênero e sexo são apresentados em uma relação mimética, isto é, “o gênero reflete o sexo e é por ele restrito”, assim, nasce-se fêmea/macho e socialmente constrói-se deterministicamente mulher/homem (Butler, 2003, p. 24). Esse elemento nas narrativas representa um posicionamento significativo da configuração identitário-cultural na qual se situam. Nesse contexto, a afirmação da identidade sexual tem como referencial a anatomia, assim, sexo e gênero são correlatos. A problemática desse posicionamento é que “se a correspondência anatômica bastasse para que pudéssemos aceder a uma posição sexuada”, tanto homens quanto mulheres não se indaga-

---

<sup>6</sup> No original: “Penser l’altérité est donc bien penser le différend, le rapport, le conflit”.

riam sobre o que significa, afinal, “ser homem” ou “ser mulher”, e como são acolhidos e significados pelo Outro (Poli, 2007, p. 7).

Ao comunicar sobre o ser humano já existente, não há um ato de criação, nada é dito sobre o seu surgimento, eles sempre estiveram lá. Iapeab é apresentado como um ser solitário, mas dotado de identidade, ele é nomeado. Enquanto as mulheres Namarói não recebem nomes, são compreendidas enquanto grupo, vistas pelo seu gênero, são apenas “mulheres”.

Havia uma árvore rachada, que Iapeab costumava namorar. Tanto namorou, tanto namorou, que a árvore engravidou. Iapeab teve que viajar, e antes avisou a mãe:

– Mãe! Se você ouvir um barulho na floresta, vá ver o que é!

Pouco tempo depois, à noite, a árvore explodiu e uma criança começou a chorar. Passou um tempinho, ouviu-se novo estouro, e mais uma criança chorando.

– Ah! Foi por isso que meu filho pediu para eu prestar atenção! – disse a avó. Foi buscar as duas crianças, que eram meninas, e passou a cuidar delas (Mindlin; Narradores Paiter Suruí, 2007, p. 114).

E assim foi até aparecer um grupo de mulheres que não sabia como parir. Elas engravidavam, mas não devolviam ao mundo a semente que consigo traziam. Aconteceu então o seguinte: as restantes mulheres pegaram nessas inférteis e as engoliram, todas inteiras. Ficaram três dias cheias dessa carga, redondas de uma nova gravidez. Passado esse tempo as mulheres que haviam engolido as outras deram à luz. Esses seres que estavam dentro dos ventres ressurgiram, mas sendo outros, nunca antes vistos. Tinham nascido os primeiros homens (Couto, 2012, p. 141).

A ligação entre nascimento e gestação surge como tema nas narrativas, apesar do vislumbre fantástico das histórias, ambas trazem a proximidade com a realidade do engendramento, na qual, para nas-

cer, é preciso ter sido gerado em uma gravidez. Em “Lenda de Namorói”, a gestação é trazida num movimento de autogamia, mas com a adversidade de as mulheres não conseguirem parir. O insucesso é quebrado somente com o engolir de outras mulheres; simbolicamente, é possível pensar na absorção das vivências de uma mulher pela outra, o alimentar-se do outro para gerar em si o que deseja – que nascerá transformado. Assim, o sujeito só se constrói a partir do Outro, “não há sujeito se não houver um significante que o funde” (Lacan, 1999, p. 195).

Importante ressaltar também que o surgimento do homem em “Lenda de Namorói” ocorre por um desvio. “A gênese do ser humano é, deste modo, re-configurada, ou melhor, reescrita numa perspectiva feminina e o surgir do gênero masculino configura-se como uma anomalia e/ou um desvio da natureza: a infertilidade” (Brugioni, 2013, p. 165).

Diferente desta, em “As primeiras mulheres”, a fecundação ocorre pela via da relação sexual, a parceira de Iapeab é uma incomum árvore rachada, fazendo aí uma alusão simbólica ao órgão sexual feminino. Um fato curioso nesse trecho da história é Iapeab recorrer à própria mãe para cuidar da criança vindoura, demonstrando que a entidade que ele chama por mãe ou não é uma mulher, ou não é vista como uma. A primeira hipótese seria um recurso fantástico, no qual a mãe seria de outra natureza que não humana; enquanto a segunda hipótese traz um olhar sexualizante para a figura da mulher, ela só seria vista como mulher em um contato sexual que não fosse interdito (incesto). A mulher é, então, apresentada em dois papéis excludentes: de um lado, a imaculada figura materna; do outro, a mulher sexualizada.

Após essa apresentação das personagens primevas e a descrição de seu surgimento no mundo, as duas histórias são perpassadas por um pulo temporal e por uma mudança de espaço. Em “As primeiras

mulheres”, as meninas Kabeud e Samsam se tornam moças e participam de uma festa onde conhecem pretendentes para maridos, elas são ludibriadas e acabam indo parar na maloca da coruja Mokoba, que as deseja. Já em “Lenda de Namarói”, não é anunciado o crescimento dos meninos, estes já nascem como criaturas dotadas de consciência desenvolvida, e são eles que decidem, por vergonha de sua diferença, transitar para o outro lado do rio.

Nesta altura das duas histórias, o ato de alimentar-se aparece como peripécia, como desencadeador de novas ações nas narrativas. Em “As primeiras mulheres”, a coruja Mokoba tenta conquistar as meninas servindo algo de comer a elas, Samsam, ressabiada, não come nada que lhe é oferecido por acreditar que a comida não é o que dizem, ao contrário da irmã Kabeud, que se alimenta de todos os pratos. Mokoba também tenta namorar as irmãs, novamente tem sucesso somente com Kabeud, já que Samsam a engana. Na sequência, as irmãs fogem, e pelo caminho repetem o desenrolar da história: encontrar um pretendente > Kabeud ingere a comida fajuta e tem relação sexual, enquanto Samsam apenas finge > as irmãs fogem. A repetição só tem fim quando Kabeud e Samsam encontram um pretendente que lhes oferece comida verdadeira, é com este, a onça Mekoptxay, que as meninas se casam. Em “Lenda de Namarói”, os homens comiam apenas comida crua e desejavam o fogo que viam as mulheres, tão sabiamente, acenderem do outro lado do rio. É assim que o chefe dos homens, depois do insucesso de dois outros, vai buscar o fogo na outra margem. Em sua busca, o homem se deita com uma das mulheres que lhe conta o segredo do fogo, ao retornar para o seu lado da margem, o homem morre.

Em ambas as histórias, o comer e digerir se manifestam simbolicamente como assimilar e apreender o mundo, motivadas pelo desejo pelo alimento, as personagens desbravam os espaços e se relacionam. Tanto em “As primeiras mulheres” quanto em “Lenda de Na-

marói”, a motivação das ações é o alimento, e o desfecho é a relação sexual. Enquanto em “As primeiras mulheres” o digerir o mundo lhes proporciona o casamento desejado, em “Lenda de Namarói” o conhecimento do mistério que almejava é letal.

A onça, mãe de Mekoptxay, chamou Kabeud, que estava grávida para ir andar com ela. (...) A onça comeu-a, só deixou a bolsa com o filho que Kabeud tinha na barriga. (...) Samsam, percebendo que a onça comera sua irmã, pegou a criança para criar junto com a sua. (...) Os dois meninos cresceram, ficaram maiorzinhos, e Samsam contou para o filho de Kabeud como ela tinha morrido. O rapaz chorou, porque não conheceu a mãe morta, e começou a fazer flechas para matar a avó. Flechou-a um dia, mas a flecha não entrava nela. (...) O rapaz chamou a avó para ir a roça que estava queimando para o próximo plantio e jogou-a no fogo. A mãe de Mekoptxay morreu queimada. O rapaz chamou Samsam para irem embora para o céu, subindo por um cipó. (...) Lá se foram, e ao chegar em cima, cortaram o cipó, para o pai não se vingar deles. Por isso não existe mais a escada para o céu, o cipó, que antes ligava céu e terra (Mindlin; Narradores Paiter Suruí, 2007, p. 118-119).

E um por um, todos realizaram a visita, para além do rio. (...) Os homens, aos poucos, decidiam ficar no território das mulheres. (...) E os tempos circularam. Um dia uma mulher deu à luz. Os homens se espantaram: eles desconheciam o ato do parto. A grávida foi atrás da casa, juntaram-se as outras mulheres e cortaram a criança onde ela se confundia com a mãe. (...) Os homens viram isto e murmuraram: se elas cortam, nós também podemos. Afiam as facas e levaram os rapazes para o mato. Assim nasceu a circuncisão. (...) E os homens se sentiram consolados: podiam, ao menos, dar um segundo parto. E assim se iludiram ter poderes iguais aos das mulheres: geravam tanto como elas. Engano deles: só as mulheres cortavam o laço de uma vida em outra vida (Couto, 2012, p. 142).

Novamente, há um correr de tempo nas narrativas e a temática da gravidez retorna ao enredo, sendo usada agora como elemento direcionador dos desfechos. Em “As primeiras mulheres”, das duas personagens grávidas, é a personagem destemida Kabeud quem morre, deixando seu filho como um pequeno herói que a vingará, assim, simbolicamente, o consolo da mulher é depositado sob uma figura masculina de redenção. Em “Lenda de Namarói”, a gravidez é usada como elemento que traz falso consolo aos homens e marca o poder das mulheres como representantes do parto por excelência. A frustração masculina é mostrada pela incapacidade de dar à luz, aqui “o sentido de falta não é provocado pelo falo, mas pelo útero”, o desejo de emulação não se dá diante do que é masculino, “ao contrário, os homens são reduzidos ao estado de pobres paródias das mulheres” (Rothwell, 2004, p. 141, tradução nossa<sup>7</sup>).

As duas narrativas apresentam novamente em seus desfechos elementos simbólicos que as colocam próximas a recursos frequentemente associados à tradição da oralidade “mítica”; como narrativas fundadoras pautadas na cosmogonia local, demonstram uma explicação de como algo, além da gênese humana, surgiu: o céu e a terra como espaços desanexados, e a circuncisão. Trazem ainda o fogo como elemento simbólico comum. Em “As primeiras mulheres”, o fogo aparece punitivamente, como o único artifício capaz de matar a onça-avó devoradora. Em “Lenda de Namarói”, o fogo é elemento misterioso que representa sabedoria, mas seu conhecimento para os homens também se mostra fatal.

---

<sup>7</sup> No original: “a sense of lack is not provoked by the phallus but by the womb” [...] “rather men are reduced to the status of poor parodies of women”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas “As primeiras mulheres”, de autoria coletiva Paiter Suruí, e “Lenda de Namorói”, de autoria de Mia Couto, compartilham de uma temática: o surgimento do gênero feminino/masculino. Assim como a presença de elementos simbólicos como a gravidez, a alimentação e o fogo. Na análise comparativa, pode-se notar marcas da oralidade atreladas ao “mito”, como relatar a origem fantástica de um evento e a localização no tempo-espaço; tais componentes cosmogônicos perpassam ambas as narrativas e são temáticas comuns a tantas outras culturas antigas, como a cristã ou a islâmica, por exemplo, cuja oralidade precede as conhecidas tradições escritas.

Dessa forma, ao comparar as narrativas, verificou-se como a oralidade renova e recria os contextos e modos de vida, demonstrando que a essência das narrativas não é exclusiva do seu momento histórico e cultural, mas compartilhada em diferentes contextos. Na ficcionalização ocorre uma reinterpretação literária, uma atualização das cosmogonias que figuram no imaginário dos povos, “cumprir à arte e à literatura, aos artistas e aos escritores, a criatividade de os renovar e acrescentar no processo de invenção da nação”, como comenta Ana Mafalda Leite (1998, p. 136).

Como mencionado por Elena Brugioni (2013), a reescrita da narrativa fundacional proposta por Mia Couto no conto “Lenda de Namorói” representa uma leitura sociocultural que desempenha uma função dinâmica de subversão do pensamento patriarcal e falocêntrico que tem o homem como referência. No conto, apesar de retratar o surgimento do homem, a referência passa a ser o gênero feminino, são as mulheres que detêm o conhecimento, aptas para manuseá-lo, elas também dominam o espaço social e cedem aos homens o território para que se agreguem.

Enquanto na narrativa Paiter Suruí “As primeiras mulheres”, embora retrate o surgimento da mulher, o espaço social permanece em poder feminino somente enquanto elas o desbravam, ao tomar conhecimento dele, elas são realocadas – Kabeud morre e, em fuga, Samsam se desloca para o céu. Na narrativa, denota-se o posicionamento falocêntrico como regulador da ordem, apesar de Kabeud e Samsam terem autonomia inicial sob a escolha de seu marido, é o filho homem de Kabeud que detém a saga heroica de fazer justiça à morte da mãe e finalizar a história.

Nesse sentido, mais do que evidenciar convergências temáticas entre narrativas de distintas matrizes culturais, a leitura comparativa aqui proposta permite compreender como a construção simbólica do feminino e do masculino, no interior das cosmogonias, não apenas reflete, mas também participa ativamente da produção e da reconfiguração das formas de organização social. Se, por um lado, a narrativa Paiter Suruí, de origem na tradição oral indígena ao norte do Brasil, inscreve a diferença sexual em uma lógica de estabilização hierárquica, por outro, o conto de Mia Couto, inspirado em tradições orais de grupos etnolinguísticos ao norte de Moçambique, revela o potencial de deslocamento inscrito na própria tradição, ao reinscrever o feminino como eixo de saber e de poder. Assim, as narrativas de origem mostram-se menos como vestígios de um passado imutável e mais como dispositivos simbólicos em permanente disputa, nos quais se articulam memória, linguagem e imaginação na elaboração, e possível transformação, das relações de gênero.

RECEBIDO: 08/12/2025

APROVADO: 22/03/2026

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

- ALMEIDA, Maria Inês de. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BRUGIONI, Elena. *Mia Couto: Representação, História(s) e Pós-colonialidade*. Lisboa: Húmus, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1993.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- FRAISSE, Geneviève. *La différence des sexes*. Paris: PUF, 1996.
- GUESSE, Érika Bergamasco. *Shenipabu Miyui: literatura e mito*. 2014. 425 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123365/000824066.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2025.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LACAN, Jacques. *Seminário V: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidade & escrituras nas literaturas africanas*. 2. ed. Lisboa: Colibri, 1998.
- MENDES, Letícia. No livro “Confissão da Leoa”, Mia Couto retrata o drama das mulheres rurais de Moçambique. *UOL Entretenimento*, São Paulo, 05 nov. 2012. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/05/no-livro-a-confissao-da-leoa-mia-couto-retrata-o->

drama-das-mulheres-rurais-de-mocambique.htm. Acesso em: 05 dez. 2025.

MINDLIN, Betty. *Diários da floresta*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MINDLIN, Betty. *Nós Paiter: os Suruí de Rondônia*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINDLIN, Betty; NARRADORES PAITER SURUÍ. *Vozes da origem*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ORNELAS, José N. Mia Couto no contexto da literatura pós-colonial de Moçambique. *Luso-Brazilian Review*, Madson, v. 33, n. 2, 1996. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/3513768?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3513768?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 05 dez. 2025.

PAGUNG, Luana Jessica Gomes. *O silenciamento da mulher em Vozes da Origem: a transgressão moral da personagem feminina em narrativas paiter suruí*. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6721636](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6721636). Acesso em: 05 fev. 2026.

PÉLISSIER, René. *História de Moçambique*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

POLI, Maria Cristina. *Feminino/Masculino: a diferença sexual em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PUCCI, Magda Dourado. *A arte oral: Paiter Suruí de Rondônia*. 2009. 364f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4066>. Acesso em: 05 dez. 2025.

ROSÁRIO, Lourenço do. *A narrativa africana de expressão oral transcrita em português*. Lisboa: Instituto de Cultura/Luanda: Angolé, 1989.

ROTHWELL, Phillip. *A postmodern nationalist: truth, orality and gender in the work of Mia Couto*. New Brunswick: Bucknell University Press, 2004.

ROTHWELL, Phillip. *Leituras de Mia Couto: aspectos de um pós-modernismo moçambicano*. São Paulo: Almedina, 2015.

### **MINICURRÍCULO**

**LUANA GOMES PAGUNG** é Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em Letras e em Psicologia, o que fundamenta seu interesse na interlocução entre literatura e psicanálise. Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas de literaturas de língua portuguesa e autoria feminina.